

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XII, Nº 09 – 2008, SETEMBRO
Assinatura até Dezembro de 2008: 3 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (RS 0,65) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Lloré, lloré de espanto y de amargura:
cuando el amor o el entusiasmo llora
se siente a Dios, y se idolatra, y se ora;
¡Cuando se llora como yo, se jura!

Y tu, la muerte, hermana del martirio,
amada misteriosa del genio y el delirio,
mi mano estrecha, y siéntate a mi lado:
¡Os amaba viviendo, mas sin ella
no os hubiera tal vez idolatrado!

José Julián Martí 1853-1895, Poemas escritos en España,
A mis hermanos muertos el 27 de Noviembre; José Martí Poesía
Completa, T II, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Quero ser um defunto diferente
quando vier buscar-me a eternidade
não me cerrem os olhos porque a mente
deseja ver de perto a realidade.
Não cruzem minhas mãos erroneamente
sobre o peito repleto de ansiedade
desejo apalpar so-le-ne-men-te
os mistérios eternos da verdade.
Não acredito em reencarnação
mas é preciso trancar bem o caixão
amarrando uma corda em barbacacho...
Para que essa corda não arrebeite
e a fim de que eu não brote novamente
me enterrem de cabeça para baixo!...
Waldir Rodrigues, Último Desejo
Binóculo 0703, Fone (0*85) 3257-5947 Dias da Silva
e/ou jbatista@unifor.br Batista de Lima

Quem lá da Vila Angélica que vê
o encanto daquela árvore florida?
Quem nota o esplendoroso pé de ipê
florindo ali bem rente da avenida?
Por certo que ninguém, ninguém, porque
árvore em flor há muitas nesta vida.
Mas eu te vi, e te amei, e escrevo-te
esta poesia do coração nascida.
Dantes teu nome, para a minha gente,
não era ipê – era um nome diferente
e até mais nobre. Te chamavam louro,
decerto por tuas flores amarelas
que em todo agosto te coroam belas,
a ti, dos campos rei, coroadado de ouro
Ipê em Flor, Benecloto
Fanal 9509: Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

Desajeitado, o pai – quer dar carinho
com as suas mãos tão rudes e calosas...
Mas, que para afagar aquele anjinho
se tornam até suaves, de amorosas...
Timidamente beija o seu rostinho
mui risonho e rosado, igual às rosas...
Com todo o amor de um pai, por seu filhinho
faz-lhe rir, as risadas mais gostosas...
A mãe, que é só alegria, observa a cena
e dá graças a Deus, por sua vida
ser a expressão da paz, muito serena.
Abraça o seu querido companheiro,
por possuir família bem unida,
mesmo sem ter fartura de dinheiro...
Elza Meirelles Chola, Lar Modesto
Bali – Letras Itaocarenses 0712,
Caixa Postal 47, CEP 28570-970 – Itaocara, RJ

Da vida o segredo eterno
em duas partes se encerra:
nasce do ventre materno,
morre no ventre da terra.
Adolfo Macedo, 0808
Trovalegre, Caixa Postal 181
37550-000 – Pouso Alegre, MG

Inda bem que tenho os meios
de não ficar tão sozinha:
desenho e bordo, abro e-mails,
faço versos na cozinha...
Clevane Pessoa, 0805
Pantanal Poético: CP 112
79300-970 – Corumbá, MS

Carecas fazem apelo
no restaurante chinês:
“Outros fios de cabelo,
pois um só não dá pra três!”
Joana D’Arec, 0807
Quatro Versos: Rua Santa Marta 70
28633-080 – Nova Friburgo, RJ

Meu jardim, com gratidão
pelo pouco que lhe faço,
põe sombras de flor no chão,
bem no caminho onde eu passo!
Vanda Fagundes Queiroz, SF9509
Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1º,
01501-030 – São Paulo, SP

A lua se insinua
na alvura perfumada
do cafezal florido.

Jardim de violetas
agora somos dois
no banco a borboleta.

Estroados do trovão
ecos no mar da mata
filhotes de trovão.

Olha o arco-íris!
o moleque pitando
cigarro de palha.

Nenpuku (Barriga Pensante) Sato, Trilha Forrada de Folhas, Maurício Arruda Mendonça, Edições Ciência do Acidente, 1999

Traduzir é uma arte improvável, costumam dizer os tradutores. Afinal é muito difícil haver uma correspondência absoluta entre o que o escritor quis dizer e o novo texto. Artur Fonseca, Super Interessante 254-A

TEMAS DA ESTAÇÃO PRIMAVERA – QUIDAIS DE PRIMAVERA

Dia da Pátria.
Bandeira desfraldada
balança no ar.
Cecy Tupinambá Ulhôa

Dourados frutos
agarradinhos ao pé:
acacou nos galhos.
Denise Cataldi

Com cinco filhotes,
capivara pesadona
se esconde no rio.
Djalda Winter Santos

Caprichando... na
barba, cabelo e bigode.
Dia do Barbeiro.
Flávio Ferreira da Silva

Sol cai no horizonte
e os restos do piquenique
perdidos na praia. H
Alba Christina

Bem junto do muro
outro filhote de gato
ninhada espalhada. R
Alba Christina

Rumo ao piquenique,
madrugada alvissareira
de um grupo de amigos. R
Amália Marie Gerda

Uns brancos surgindo
entre os verdes eriçados.
Flor-de-cerejeira.
Manoel F. Menendez

Toalha sobre a grama
mostra fim de piquenique.
Farelos de bolo. H
Angelica Villela Santos

Em plena algazarra,
voltando do piquenique
ônibus lotado. H
Analice Feitoza de Lima

Na grande avenida
poluição veste de cinza
canteiros de palmas. H
Darly O. Barros

No fundo do armário
a gata e cinco filhotes,
e a dona, surpresa... AB
Darly O. Barros

O vento que passa
agita os galhos da palma.
Cai a folha seca. R
Djalda Winter Santos

Levando farnel,
grupo vai a piquenique
em local bucólico. R
Flávio Ferreira da Silva

Filhote de gato
pendurado na cortina.
Ajuda a caminho. E
Lávia Lacerda Menendez

Praia ensolarada,
brisa balançando palmas,
jânganda no mar... H
Neuza Pommer

Caixa de sapato
tomba no chão... Um miado:
filhote de gato! R
Neuza Pommer

Canteiro de palma
na lateral do jardim
pendões entreabertos. H
Regina Célia de Andrade

Insetos invadem
o lanche do piquenique.
Risada geral. H
Regina Célia de Andrade

Passageiros ouvem
miado dentro do ônibus.
Filhote de gato. R
Regina Célia de Andrade

O hocu era e é a partida para o encadeamento
de estrofes conhecido como haicai, e nada tem
a ver com os demais tercetos ou duetos deste.
O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a
sua função no encadeamento, era e é um
terceto aberto. Considero o haicu com seus
mesmos princípios, e contendo um corte no
texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.
O haicu deve ser feito no momento da
ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra
da sação), *seu único principal motivo*:
é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais
excluímos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões,
adjetivos, alterações nos seus substantivos, etc., mais
aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos.
Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Vamos lá, comece já!
Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à
parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha,
visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os
mesmos. *Aguardamos seus trabalhos*.

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.08.08, quigos à escolha: Chuva de primavera, Curió, Quadrado.

Remeter até 30.09.08, quigos à escolha: Compras de Natal, Girassol, Saúva.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Apto. 82
05010-040 - São Paulo, SP
ou
mfmenendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Mais vale um haicu enviado do que três na mão!

De um galho florido, cai uma flor de abricó. Mentalizo os frutos. Angelica Villela Santos	Musica na rua. O vento dedilha as folhas da casuarina. Darly O. Barros	Zumbido... e sorri a criança ao ver flor sugando voraz jataf. Fernando L. A. Soares	Mar aberto... sol! Pescadores preparados... Cavala em perigo! Luiz Antonio Cardoso	Sete de Setembro: estradas congestionadas e a Pátria, esquecida. Renata Paccola	Hastes sussurrantes a espalhar frescor: ó, casuarina! Shinobo Saiki	Na mesa, quentinho. Que gostoso chocolate. Vivas ao cacau! Suely da Silva Mendonça
--	---	--	---	--	--	---

A T É L O G O , M A M ã E

Wander Piroli, O Moderno Conto Brasileiro, Antologia Escolar, 4ª Edição, João Antonio, Editora Civilização Brasileira S.A., 1983: Rua Muniz Barreto 715-721 Rio de Janeiro, RJ

<p>Mamãe está deitada em cima da mesa da copa. Um lençol branco cobre mamãe, cobre a mesa toda. Tia Mafalda está de pé junto à mesa, com sua obstinada cara de pedra. A sala está vazia, seis cadeiras vazias ao longo da parede. Tia Mafalda sabe que cheguei. Estou encostado na porta da cozinha, o paletó debaixo do braço.</p> <p>– Tia Mafalda.</p> <p>Ela vira lentamente a cara de pedra e sem me olhar, mas me vendo todo, ergue a mão para que eu me cale. Agora começa a se mover na minha direção.</p> <p>– Lavínia está dormindo.</p> <p>Aproxima-se, afasto-me para o lado, ela passa.</p> <p>– Mamãe está morta.</p> <p>– Venha ver, Luiz.</p> <p>Acompanha-a até o quintal. Aponta um monte de terra vermelha debaixo da parreira de uva. Uma cova.</p> <p>– É para Lavínia</p> <p>– Ora, tia.</p> <p>– Lavínia vai ficar aqui.</p> <p>– Mamãe deve ir para o cemitério.</p> <p>– É uma ordem dela.</p> <p>– A senhora sabe que não pode.</p> <p>Tia Mafalda quase sorri. Um sorriso que não é sequer de desdém.</p> <p>– Quem fez a cova?</p> <p>– Nós duas.</p> <p>– Mamãe também?</p> <p>– É.</p> <p>– Mas ela não estava doente?</p> <p>– Foi antes.</p>	<p>– Mamãe sabia que ia morrer?</p> <p>– Sempre soube.</p> <p>– Que horas que foi?</p> <p>– Antontem, à noite.</p> <p>– Então tem dois dias.</p> <p>– Ela queria que você viesse.</p> <p>– Não acredito.</p> <p>Ela me olha com enfado.</p> <p>– Lavínia ditou o telegrama.</p> <p>– Tia.</p> <p>– Agora vamos, Luiz. Lavínia está lá sozinha.</p> <p>Passamos pela coberta do tanque, pela cozinha, estamos novamente na sala vazia.</p> <p>– Não vejo ninguém?</p> <p>Tia Mafalda pega o lençol e descobre o rosto de mamãe. O mesmo rosto fanático de cinco anos atrás. O mesmo lenço preto para camuflar a calvície repugnante.</p> <p>– Beije-a.</p> <p>– Não adianta, tia.</p> <p>– Luiz. Beije-a.</p> <p>– Espera.</p> <p>– Lavínia pediu.</p> <p>– Pára com isso.</p> <p>– Depressa, Luiz.</p> <p>Olho dentro da cara de pedra.</p> <p>– Lavínia está esperando, Luiz!</p> <p>Debruço-me sobre mamãe. Ela está abrindo os olhos, recuo. Tento afastar-me, tia Mafalda me segura pelo braço.</p>	<p>– Vamos, Luiz.</p> <p>– Não posso.</p> <p>Tia Mafalda me fala com a voz rouca, a mesma voz rouca de mamãe:</p> <p>– Vem cá, menino.</p> <p>Inclino-me pensosamente sobre a mesa. Tia Mafalda me pressiona a nuca até ter certeza de que minha boca toca a face murcha de mamãe.</p> <p>– Pronto, Luiz.</p> <p>– Mamãe ainda está quente.</p> <p>– Sim.</p> <p>– A senhora não disse que ela morreu antontem?</p> <p>– Lavínia estava te esperando.</p> <p>Tia Mafalda cobre o rosto de mamãe com o lençol.</p> <p>– Agora me ajude.</p> <p>Ela pega o corpo numa extremidade e eu na outra. Quase não pesa. Passamos com mamãe pela cozinha, pela coberta do tanque até a parreira de uva. Colocamos o corpo ao lado da cova. Tia Mafalda passa a corda pelas pernas de mamãe. Baixamos um lado de cada vez.</p> <p>– Está bem, Luiz. – Tia Mafalda enterra a pá no monte de terra vermelha. – Agora pode ir.</p> <p>Passando pela cozinha, escuto o golpe surdo da terra atirada sobre o corpo de mamãe. Atravesso a copa nua, o corredor, o alpendre. Abro o portão de grade, saio para a rua. Ouço um ranger familiar no alpendre. Sigo em frente para não ver mamãe e tia Mafalda nas velhas cadeiras de vime.</p>
--	---	---

A SUPREMA SABEDORIA COM QUE DEUS CONDUZ TODAS AS COISAS

Catarina Pereira, Contos do Rio, 1ª Edição, 2005, Bom Texto Editora e Produtora de Arte Ltda., Av. das Américas 500, Bloco 23, Sala 302, Downtown CEP 22640-100 – Rio de Janeiro, RJ

<p>No início Daiane achava engraçadas as investidas de Billy. Quando se esbarraram, nas ruas do Centro do Rio de Janeiro, não pareciam a ninguém nem a lugar nenhum. Ela já estava grávida, a barriga crescida. Ele fingia sair de dentro dela e sugava seu seio como um bebê faminto.</p> <p>Viviam de pequenos furtos nas ruelas em torno do largo de São Francisco, ele corria com agilidade e rapidez dissimuladas pelo corpo franzino, mais por diversão do que para fugir da polícia. Daiane, sentada num canto, apontava as vítimas e escondia as bolsas e carteiras até que ele chegasse, no final da manhã, para contar o dinheiro e almoçar com ela. À tarde começavam e, por ali mesmo, dormiam.</p> <p>Billy tinha planos de ser percussionista de uma banda de funk e, quando não estava trabalhando, tamborilava em postes, latas de lixo ou qualquer superfície que produzisse um som “manero”. Ensinava Daiane, cantarolando a cada batida a nota musical que imaginava tocar. Inventava música como improvisava a vida. Seu maior tesouro era um par de baquetas conseguido num descuido do segurança de uma loja de instrumentos na rua da Carioca.</p> <p>Daiane ria. Das correrias dele, do seu jeito de fazer música, de como ele se dizia um pouco pai da criança por terem transado tanto nos últimos meses da gravidez. Com toda a disposição dos seus quinze anos ele a queria várias vezes por dia, gozava e saía baqueteando as paredes e latas dos becos. Era a sua forma de mostrar carinho. E ela, dois anos mais moça, sentia-se protegida como por um super-herói.</p> <p>A gravidez era quase um mistério para Daiane, Como se estivesse acontecendo com outra pessoa. Transar engravidava. Isso ela sabia. Sabia que dentro da barriga havia uma criança, mas não conseguia imaginá-la. Ou imaginar a vida depois que ela nascesse. Teria que esperar nove meses. Isso também ela havia aprendido nas ruas. Mas, vivendo um dia de cada vez, o tempo era um enigma tão grande quanto a criança que crescia dentro dela.</p> <p>Numa noite quente do começo de dezembro, Billy a levou para um hospital com uma dor de barriga que ambos atribuíram ao macarrão meio azedo que haviam comido à tarde. Poucas horas depois a menina nasceu.</p> <p>Nos dois dias seguintes Daiane aprendeu a amamentar e a trocar as fraldas. Enquanto ela estava no hospital, Billy, graças aos colegas de rua, arrumou um emprego de olheiro do tráfico num morro da Tijuca, descolou um barraco abandonado com o gerente e o mobiliou. Um colchão de casal, uma mesa e duas cadeiras, um</p>	<p>fogão e uma televisão. No terceiro dia foi buscar Daiane. Ela o esperava ansiosa, com a criança no colo. O hospital exigia um responsável, maior de idade, para liberar as duas. Billy sentou-se ao lado dela e cochichou algo em seu ouvido. Ela olhou para ele e sorriu. Em instantes o viu caído no chão, debatendo-se e babando, atraindo a atenção de todos em volta. Daiane esgueirou-se pelos cantos com a filha nos braços e saiu sem ninguém perceber. Meia hora depois ele apareceu na esquina e os dois saíram andando devagar, Daiane surpresa, conduzida por ele à estação do metrô.</p> <p>O barraco, no meio da subida do morro, era o primeiro lugar que eles podiam chamar de casa. Orgulhoso, Billy entrou na frente e a recebeu com deferências de um mestre-sala. A menina choramingou e eles perceberam que não estavam mais sozinhos. Daiane sentou-se no colchão e a amamentou, observada por Billy. Depois, substituindo a criança no seio da mãe, Billy tentou penetrá-la, mas Daiane o repeliu. Explicou que sentia dores e que não poderia transar nos próximos dias. Aborrecido, ele pegou as baquetas em cima da mesa e saiu. Daiane ouviu o ritmo que ele tirava das madeiras do barraco. Em alguns minutos voltou, calmo, dizendo que esperaria até que ela o quisesse novamente. Dormiram algum tempo abraçados antes que a criança chorasse outra vez.</p> <p>A menina acordava a cada duas horas, choramingava, mamava, tinha as fraldas trocadas. Às vezes, no meio da noite, Daiane não despertava com o choro baixo e Billy a sacudia.</p> <p>Os dias seguintes foram de brigas constantes até que ele começou a aparecer somente à noite com a quentinha, sempre tentando transar e saindo irritado com as recusas dela, para dormir na rua. Daiane sabia que não era mais a única. Quando finalmente, cansada e com medo de que ele não voltasse, desistiu de evitá-lo, Billy não a queria mais tantas vezes, não havia mais música, as baquetas ficavam sempre no bolso da bermuda. Desde o primeiro dia ignorava a menina.</p> <p>Os pensamentos de Daiane giravam como um brinquedo de parque de diversões. Olhava para a criança e desejava que ela ainda estivesse e ficasse para sempre dentro da sua barriga. Ao mesmo tempo procurava para ela também um nome de princesa. As fraldas sujas provocavam náuseas; o corpo delicado da menina, medo. Sorria quando ela sorria, deslizava com carinho a mão na pele fina, já conhecia cada traço do seu rosto. À noite, depois das visitas de Billy, sentia-se presa, queria sair com ele, correr pelas ruas, ouvir novamente a música que ele agora fazia para outras.</p> <p>Num emaranhado de sentimentos que não sabia transformar em</p>	<p>gestos ou palavras, Daiane só conseguia perceber a dor física. Sentia dor quando a menina mamava, sentia dor quando Billy a penetrava. Sentia como se os dois quisessem deixar nela suas marcas. Os dias e as noites eram sufocantes.</p> <p style="text-align: center;">* * *</p> <p>Quando a menina parou de sugar, Daiane afastou-a do seio com cuidado e a colocou de volta no colchão. Olhou para os mamilos vermelhos e doloridos antes de levantar as alças da blusa, e depois para o corpo nu da criança, que dormia tranqüila.</p> <p>No pequeno barraco, a chuva fina mas sem fim que há vários dias encharcava a cidade atravessava as frestas da madeira, empurrada por um vento fraco que balançava a única lâmpada, presa pelo fio a um prego no teto. Mesmo sabendo que tinha pouco tempo antes da inevitável chegada de Billy, Daiane ficou parada, assistindo à dança de sombras projetadas nas paredes e no chão. O choro da filha a despertou e, instantes depois de fazê-la dormir novamente, Billy entrou arrastando para um lado a folha de compensado que servia de porta.</p> <p>Sem dizer nada, jogou em cima da mesa a embalagem de alumínio abarrotada de comida, tirou a bermuda molhada que parecia ter duas vezes o tamanho necessário, prendeu Daiane num abraço e penetrou seu corpo com força. Só quando mordeu um mamilo ela gemeu e o afastou. Com um muxoco, Billy vestiu uma bermuda seca, transferiu para seus bolsos o par de baquetas e pegou o prato que Daiane estendia em sua direção. Comeram em silêncio. No caminho da porta, ele deixou o prato vazio em cima da mesa. Arrastou a folha de compensado, para sair. Preparou-se para correr ao perceber a força da chuva.</p> <p style="text-align: center;">* * *</p> <p>A encosta desabou num estrondo de trovão.</p> <p>No intervalo de segundos entre o estrondo e a avalanche, Billy puxou Daiane para fora, num gesto instintivo. Caídos na lama, viram a cachoeira de água, terra e lixo arrastar os pedaços de madeira do barraco.</p> <p>O silêncio dominou a noite por alguns minutos seguido de uma agitação que misturava gritos, perguntas e pessoas. A chuva forte varria os rostos. Em meio ao tumulto os dois permaneceram imóveis até a chuva estacar e o dia amanhecer. Então Daiane levantou-se. Torceu os cabelos encaracolados e os largou, desalinhadamente, sobre os ombros. Puxou Billy pela mão e o abraçou. Seus dedos perceberam a única baqueta no bolso de trás da bermuda enlameada. Pegou a baqueta e tocou de leve num latão de lixo. Sol.</p>
---	---	--

João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili	que não amava ninguém. (Poetizando – Vereda, 1994) João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,	Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes	que não tinha entrado na história. Carlos Drummond de Andrade, Quadrilha
--	--	---	---

Um bom trabalho em xerox colorida, xerox P/B, redução, heliografia, ampliação, autenticações, encadernação, plastificação, serviços de Fax, carimbos, cópias de chaves?
Assessoria Xerográfica Ind. e Com. Ltda., Rua Venceslau Brás 154, Centro, CEP 01016-000 – São Paulo, SP – Fone/fax (011) 3104-9765 – genésio_lopes@uol.com.br
Genésio e Dalva